

# Apontamentos e notas de introdução ao estudo da língua na Guiné Bissau

Suzana 1980/2005ki

## INTRODUÇÃO

1. Não vou gastar muitas palavras acerca da necessidade de estudar a língua falada pelas pessoas a que somos mandados. É evidente, e a devemos sentir dentro de nós.

Só quero dizer que o estudo da língua nunca mais acaba: sempre deve haver a tensão e a atenção para conquistar a maneira melhor de nos entendermos, de comunicarmos, de anunciar. Isto não quer dizer que devemos esperar a falar até quando tivermos alcançado um conhecimento perfeito da língua. É preciso ter coragem e falarmos sem medo de errar: dispostos a nos deixarmos corrigir com paciência.

2. O Criolo não é a última língua que devemos aprender: conforme o meio ambiente em que nos encontraremos a trabalhar, teremos que encarar o estudo da língua falada pelas pessoas a que somos mandados. Nisto vamos falar logo, mas é bem apontá-lo desde já.

3: Estas notas não são feitas por um linguista: querem apresentar simplesmente umas experiências e umas pistas bastante empíricas, mas que se revelaram úteis para eu conseguir aprender não só um bocado de Criolo, mas também uma língua étnica, nomeadamente o Jòla Felup.

4. Uma coisa que se revelou para mim muito importante é a mentalidade com a qual se deve encarar o estudo da língua, atendendo também ao facto de não termos, para tal estudo, todos os meios que normalmente empregamos para o estudo das chamadas línguas cultas, com literatura. Vou resumir aqui alguns aspectos desta mentalidade ou disposição de espírito:

*(Agora, em 2005, já existem gramáticas e dicionários, pelo menos do Criolo e do Jòla Felup, além de não pouca escrita, o que já pode ajudar)*

a) Atenção: quer dizer que com calma, com serenidade, mas com continuidade, devemos estar aplicados a captar palavras, expressões, maneiras de dizer e apontá-las sem adiar, sem esperar outras ocasiões. É preciso para isso muita paciência e constância, mas é uma condição indispensável para não perdermos tempo e ocasiões, e também para não cairmos na aproximação.

b) Apreciar as sugestões de quem nos quer ajudar. Se não ligarmos por qualquer motivo, porque estamos com pressa ou mal dispostos, a pessoa que nos quis ajudar daquela vez pode ficar com má impressão, pensando que não estamos interessados na sua ajuda; pode acontecer que até deixe de nos fazer observações que podem ser preciosas... e quem fica a perder somos nós, por enquanto.

c) Desembarcar e queimar os navios: quer dizer que não devemos teimar em descobrir, nesta margem do mar, o que se pareça com o que temos na outra margem, a que deixamos. Saindo da linguagem metafórica: eu hei-de encarar o estudo da língua africana, começando pelo Criolo, como sendo de uma língua totalmente diferente da que falei até agora; quando encontrar algo de correspondente será uma alegria! Doutra forma nos poderemos enganar a sério e ficaremos a meio caminho, quer dizer: usaremos expressões criolas como usaríamos expressões nossas, com o resultado de não nos fazermos entender a não ser aproximadamente.

d) Quando perguntarmos como se diz uma coisa ou outra, nunca devemos ficar satisfeitos com a primeira resposta que recebemos, com a primeira explicação que a primeira pessoa que perguntamos nos der. Às vezes é preciso deixar passar tempo, mudar as situações, mudar os exemplos para controlar a resposta que tivemos. Eu às vezes tive que abandonar pistas que me pareceram boas, jogar fora folhas e folhas de apontamentos bonitos, que pareciam dar a explicação certa, mas que de facto estavam fora do caminho porque construídos depressa demais ou sobre elementos demasiado escassos.

Também devemos fazer atenção porque pode acontecer que, depois de um certo número de perguntas, o nosso interlocutor pode estar cansado e atira para nós umas respostas só para dar folgo um bocado.

e) O ponto de partida das nossas pesquisas deve ser o que as pessoas dizem e como o dizem: a análise das expressões por eles usadas é papel nosso e não deles. Se encontrarmos pessoas preparadas que até nos podem ajudar numa análise, melhor; mas a pesquisa sempre deve ser feita em primeira pessoa.

Quanto às expressões por eles usadas: devemos pôr atenção em reconhecê-las, porque às vezes, como nos acontece a nós, assim lhes acontece a eles também de caírem em erros falando sua própria língua. Hoje em dia quem viajou dificilmente fala sem fazer misturas com as línguas que encontrou ao longo do caminho...

f) Eu sempre procurei, uma vez apanhada uma expressão ou uma maneira de dizer, descobrir o "mecanismo" subjacente à sua construção para a poder reconstruir. Foi assim que cheguei, aos poucos, a descobrir um bocado o "mecanismo mental" com que constróem a língua que falam, até que comecei a pensar directamente em Felup. Oxalá aconteça o mesmo com o Criolo.

5. E vamos falar já no Criolo, nesta introdução, mas só para apontar os limites deste trabalho. Esta não é uma gramática de Criolo, mas sim uma forma de se aproximar do Criolo tentando partir não do Português, mas sim do outro lado, da cultura da gente da Guiné, nomeadamente da cultura e da língua Jòla Felup.

Como esclarecimento prévio apontamos o seguinte:

+ O Criolo historicamente nasceu cá na Guiné em várias localidades, principalmente em duas: Cachéu-Casamansa e Geba. Podia-se porém falar em Criolo de Bissau, de Buba e dos vários centros em que populações guineenses entraram em contacto prolongado om Portugueses.

+ Como nasceu? Há, mais ou mernos, dois tipos de hipóteses:

- por simples corrupção do Português. Isto resulta de maneira particular se o Criolo for encarado só do ponto de vista do Português: notam-se então simplificações e aproximações que podem parecer arbitrárias;

- pelo encontro do vocabulário Português com o génio próprio das línguas nativas. O Guineense emprestou palavras do Português popular antigo, mas estruturou as expressões conforme a sua maneira de pensar e de falar na sua própria língua. É o que fui descobrindo, sempre porém a nível de hipótese, quando, depois de ter escrito a gramática felup, voltei a debruçar-me sobre o Criolo; tomei como ponto de partida não o Português mas sim o Felup, e o Criolo já me apareceu muito diferente, mais lógico e melhor estruturado: uma verdadeira língua, e língua africana.

+ Actualmente o Criolo está a sofrer rápida evolução. Podemos falar em:

- Criolo CULTO ou das praças e das pessoas que estudaram até fora do país. Está a tornar-se cada vez menos "africano" porque vai-se assimilando a um Português mal falado; parece mais fácil para aprender (parece...).

- Criolo INCULTO (sem nenhum sentido ofensivo): o que é falado no mato, por pessoas que não estudaram. Conservou melhor a ligação com o génio da língua usual de quem fala, que é normalmente uma das línguas étnicas: Balanta, Papel, Felup, etc.

Estes apontamentos referem-se de maneira particular a este último tipo de Criolo, por duas razões:

- a primeira é que para quem estudou pode-se usar um bocado mais o próprio Português, ao passo que, se usarmos o Criolo culto com quem não estudou, logo cortamos a comunicação;

- a segunda é que este tipo de Criolo até pode servir de "ponte" para passar a estudar uma língua étnica

## ARTIGO 1º GRAFIA E FONÉTICA

Tratamos só do essencial: devendo escrever exemplos em língua crioula e em língua felup, devemos concordar em como transcrever determinados sons ou fonemas.

a) O problema da transcrição das línguas africanas parece estar ainda longe de uma solução adequada. As soluções propostas são muitas vezes soluções de compromisso entre uma e outra grafia, até mutuada das línguas de origem dos que se aplicam a seu estudo.

b) É verdade que existe um alfabeto internacional com pronúncia figurada, mas não tem muita difusão e a máquina para escrever não consegue reproduzir seus sinais e então é preciso adoptar outras soluções mais simples.

c) Num intuito de praticidade e tendo em conta os meios limitados na posse dos missionários, a coisa melhor teria sido a de aplicar o famoso princípio “um som um sinal”, que aliás o próprio Padre Marmugi seguia, mas encontrei-me diante de nuances tais que tive de abdicar tal princípio.

d) Por outro lado, no limite do possível, procurei não tornar pesada demais a grafia e optei por um sistema de transcrição que me pareceu bastante fácil e fiel.

e) Enfim, tendo o Ministério da Educação Cultura e Desporto da Guiné Bissau emitido em 1987 uma “Proposta para uniformização da escrita do Crioulo”, que me pareceu razoável e que aliás foi adoptada pelos programas de alfabetização dos adultos principalmente no mato, decidi adoptar tal grafia, que substancialmente vem da Universidade Cheick Anta Diop (UCAD) de Dakar.

Por outro lado pareceu-me uma forma de apoiar e encorajar estudos de nacionais neste assunto, respeitando e cumprindo até suas directivas.

Não foi adoptado sinal nenhum para indicar comprimento ou duração das vogais: às vezes são dobradas.

- a** como em *alfabeto*
- b** Oclusiva bilabial sonora, como no Português *bandeja*. Quando em fim de palavra é muda: KEB pronuncia quase KEP
- ɸ** oclusiva prepalatal surda, precedida por breve implosão surda, como fosse T+C doce
- d** oclusiva dental sonora. Muitas vezes tende a confundir-se com r
- e** como em Português *daquela*. Atenção: existe uma E muito breve que se aproxima a uma I ligeira. A distinção vem com a prática
- f** fricativa labiodental surda. Tende a reforçar-se muitas vezes e a ser trocada com P, ou pelo menos transforma-se em PH
- g** oclusiva gutural sonora, como em **Guiné** (que naturalmente passa a ser escrita **Giné**, conservando o mesmo som duro)
- h** fricativa surda,
- i** como no Português intervenção. Atenção contudo à I breve em que falamos a respeito da E
- j** oclusiva prepalatal sonora, precedida por breve implosão sonora, como D+J
- k** oclusiva palatal surda. Como em *caminho, curva, couve*. Quando marcada escreve-se redobrada.
- l** alveodental líquida, como em *levar*.
- m** oclusiva bilabial, como em *mar*.
- n** nasal alveodental; como em *novo*.
- ɲ** palatal nasal, como em Português *caminho*
- ɳ** velar nasal; parecido com o Inglês *singing*
- o** o como em Português *objecto*
- p** oclusiva bilabial surda, com tendência a fricativizar-se na labiodental sonora F, ou pelo menos a pronunciar-se PH
- r** vibrante. Facilmente trocada com D
- s** sibilante surda em qualquer posição. Quando marcada, redobra-se. Ex. como *Sabedoria, acesso*
- t** oclusiva dental surda. *u u* como em Português *Universo*
- w** quando tem função de semi-consonante
- y** i quando é muito marcada e tem função de semi-consonante, ex. **Yarda** = herdar
- z** sibilante sempre sonora, como em Português *rosa*.

## ARTIGO 2º O SUBSTANTIVO

Parece ser mais natural começar pelo artigo, o que não quis fazer pelo simples motivo que, apesar das aparências, o artigo praticamente não existe.

Estamos já a entrar no chão próprio duma língua africana com o que vamos dizer a respeito do substantivo (ou Nome), e é desde este "chão" que vamos considerar o nome ou substantivo (o que indica a substância, a "coisa" em que falamos).

Na língua Felup na qual me encontro o substantivo é o rei da oração e é constituído por três partes, a terceira das quais é mais ou menos facultativa, pode ter a função que em outras línguas é desempenhada pelo artigo.

Um exemplo tirado do Felup:

Uul-om jimaano = dá-me arroz (diminutivo: pequeno arroz= um bocadinho de arroz)

Emaan ai iòie = o arroz ei-lo (e dá um bocado de arroz em casca)

Uul-om mumaano = dá-me umas plantinhas de arroz (para repicar) (Um punhado de plantinhas)

Ussóh humano = segura uma plantinha de arroz

Juntando estas palavras que se referem ao arroz temos:

Ji **maan** o (o é eufónica, não tem nada de gramatical)

mu **maan** o (o é eufónica, não tem nada de gramatical)

e **maan** ai

hu **maan** o (o é eufónica, não tem nada de gramatical)

Em todos estes substantivos temos o radical MAAN que quer dizer arroz, em palha ou em casca, ainda não pilado.

Cada vez que foi chamado porém este nome foi chamado de forma diferente, consoante o que eu queria salientar a seu respeito. Resulta-me contudo que cada uma das palavras ficou constituída de três partes:

o RADICAL (maan) que é a parte principal, a que contém ideia de arroz)

o PREFIXO (Ji, E, Mu, Hu) que coloca o radical numa das classes dos nomes e especifica algo a seu respeito.

o SUFIXO (Ai) que apareceu num só caso, quando eu quis referir-me a algo de determinado e o indiquei : eis o arroz, este arroz determinado que você está vendo.

Outro exemplo, sempre tirado do Felup:

LEW é o radical que tem em si a ideia de "cozinhar" preparar a refeição.

A LEW AU é o cozinheiro, quem prepara a refeição

E LEW ÂI é o acto de cozinhar, de preparar a refeição

HU LEW AHU é o local em que se cozinha, em que se prepara a refeição

HU LEW UM AHU é a concha com que eu mexo no arroz enquanto preparo a refeição

O que é que aconteceu com o Criolo? Aconteceu que os substantivos, que o Criolo mutuou do Português, na sua maioria foram encaixados neste tipo de estrutura: a última parte (o sufixo) caiu, talvez porque não se podia fazer demasiada violência às palavras mutuadas do Português e tudo ficou até mais simples: o artigo, que normalmente precedia o substantivo, desapareceu, porque a coisa mais importante que o homem diz é mesmo o nome, o substantivo, o resto só pode vir depois, se for mesmo necessário.

Este procedimento mental resultou-me muito claro no estudo do Felup: a primeira coisa a ser chamada é mesmo o nome, que até modifica tudo o que, ao longo do discurso, se lhe refere.

Fica então assente que não devemos ficar admirados pelo facto de não encontrarmos artigos determinativos em Criolo (a saber O, OS, A, AS)

Quanto aos indeterminativos (UM, UMA, UNS, UMAS...), no Criolo de Cacheu usa-se o indefinido UTRU ou UNTRU (mais antigo), noutras áreas até usa-se UN ou UM como em Português.

2. Outra consequência, a que se chegou encaixando os nomes do Português na estrutura da língua africana, foi o desaparecimento do GÉNERO dos substantivos, o que trouxe também a invariabilidade do adjectivos quanto a género (mas iremos ver que continuam invariáveis também quanto a número, com as devidas excepções).

De facto, pelo menos em Felup, mas consta-me também noutras línguas da Guiné, os nomes estão distribuídos em CLASSES, cada uma das quais está caracterizada por um PREEFIXO que se coloca antes do RADICAL e confere ao mesmo uma certa modificação de sentido, como vimos há bocado. Isto agora acontece sem qualquer referência a eventual género masculino ou feminino.Ex.

EJUÂI ÂI IAYEM AI ESSUUME = a laranja madura (liter. vermelha) é boa  
ERAHAI AI IAYEM AI ESSUUME = o limão maduro (liter. vermelho) é bom  
SIJUÂI ÂSU SAYEM ASU SISSUUME = as laranjas maduras (liter. vermelhas) são boas  
SIRAHAI ASU SAYEM ASU SISSUUME = os limões maduros (liter. vermelhos) são bons

O que em Criolo dará:

LARANJA BURMEJU SABI, LARANJAS BURMEJU SABI  
LIMON BURMEJU SABI, LIMONS BURMEJU SABI

Nem sombra há do género, apesar de haver mudança quanto ao número. Aliás, o que é que me autoriza a atribuir género feminino à laranja e masculino ao limão, ou o género masculino ao sapato (que em Italiano é feminino) e feminino à sandália (que em Italiano é masculino), ou o masculino ao mar, que em Francês é feminino, etc.?

Pelo que podemos dizer que o Guineense pegou os nomes portugueses e os "cozinhou" à africana, com o resultado do desaparecimento do género. Felizmente não lhes acrescentou prefixos, o que tornou mais simples seu uso.

Fica assente contudo que há nomes que indicam realidades por si próprias masculinas ou femininas, mas normalmente são chamadas com nomes diferentes. Ex. NETU = neto, NETA = neta, mas OMI é homem e MINJER é mulher.

No caso de querer especificar o sexo remedeia-se a falta de nomes apropriados acrescentando MACU e FEMIA. Ex. BAKA MACU = toiro, BAKA FEMIA= vaca, etc.

3. NÚMERO. Como já vimos os substantivos mudam quanto ao número. Também as línguas nativas têm isso: o prefixo e o sufixo dos substantivos mudam em relação ao singular e ao plural, como vimos até pelos exemplos acima referidos.

Em Criolo normalmente o plural é feito acrescentando S ao singular, mas só no caso do nome, do substantivo: o adjectivo permanece invariável, como já apontámos nos exemplos acima. Iremos ver que existem algumas excepções.

4. A CONCRETEZ da mentalidade leva o africano a chamar logo aquilo em que quer falar, a "coisa" em que se fala e nós sabemos que uma "coisa" chama-se com um "nome" ou "substantivo".

Por isso é que o substantivo costuma aparecer logo no começo de cada frase, antes do verbo e de todas as outras partes do discurso que se lhe referem (adjectivos, advérbios, etc.). Ex.

Port.	Criolo	Felup
NÃO HÁ VINHO	BIÑU KA TEN (vinho não tem)	EBIÑ ÂI ELET (vinho está não)
NÃO VEIO NINGUÉM	NINGIN KA BIN (ninguém não veio)	AN AKÂILOT (homen veio não)

( NB. Entre dois nomes, a prioridade é dada àquele que mais importância tem no discurso: no exemplo seguinte é a pessoa a que deve ser entregue um recado)

Português: Dá este recado ao João Criolo: DA JOÑ ES REKADU).

Esta da prioridade absoluta acordada ao substantivo é uma propriedade em que costumamos errar não pouco. O que não aconteceria se tivémos bem presente o que se passa com as línguas nativas étnicas, em que o substantivo está sempre no começo da oração e modifica à sua imagem tudo o que se lhe refere. Vamos aproveitar exemplos que já conhecemos, integrados com outros casos:

EJUÂI ÂI      IAYEM AI      ESSUUME = a laranja madura (liter. vermelha) é boa  
ERAHAI AI      IAYEM AI      ESSUUME = o limão maduro (liter. vermelho) é bom  
HUMANGU AHU HAYEM AHU      HUSSUUME = o mango maduro é bom  
JINÀN AJU      JAYEM AJU      JiSSUUME = a bananinha madura é boa

SIJUÂI ÂSU      SAYEM ASU      SISSUUME = as laranjas maduras (liter. vermelhas) são boas  
SIRAHAI ASU      SAYEM ASU      SISSUUME = os limões maduros (liter. vermelhos) são bons  
KUMANGU AKU KAYEM AKU      KUSSUUME = os mangos maduros são bons  
MUNÀN AMU      MAYEM AMU      MUSSUUME = as bananinhas maduras são boas

Parece haver só um caso em Criolo em que isto não acontece e é um caso que entra na formação do plural. Trata-se do numeral, que chega a preceder o substantivo que, desta vez, fica invariável. Ex.

Tenho cinco vacas      N TENE SINKU BAKA

Roubaram-me cinco vacas vermelhas      E FURTAN SINKU BAKA BURMEJU

*NB. Isto parece ser próprio do Criolo. Em Felup segue-se também neste caso a regra geral em que o substantivo precede: SIB ASU (semo) HUTOK SAYEM ASU = vacas cinco vermelhas.*

Sempre no que se refere ao número dos substantivos há duas expressões que merecem ser analisadas. Trata-se de "MANGA DI" e do advérbio "CIU".

N OJA BAKA(S) MANGA DEL      vi quantidade de vacas, vi vacas uma quantidade delas

N OJA MANGA DI BAKA      (menos bem)

ABÓ BU TA KONTA MINTIDA CIU = tu dizes muitas mentiras (mentiras muito)

ABÓ BU (TA) CIU KONTA MINTIDA = tu és muito mentiroso

Esta última expressão merece ser analisada. O advérbio CIU mudou-se em verbo e o resto da expressão se tornou uma oração infinitiva. É um fenómeno que iremos encontrar outra vez quando falaremos nos graus de comparação dos adjectivos qualificativos. Praticamente a tradução literal seria: TU ÉS MUITO (quanto ao) CONTAR MENTIRAS.

### ARTIGO 3º O ADJECTIVO QUALIFICATIVO

1- O princípio geral é que todo adjectivo em Criolo é INVARIÁVEL, quer quanto ao género quer quanto ao número.

2- Dito isto, já nos podemos debruçar sobre o adjectivo QUALIFICATIVO (que diz uma qualidade referida ao nome, ao sujeito em que se fala): acerca dele não temos muito a dizer, a não ser quanto a sua COLOCAÇÃO: é sempre aconselhável colocá-lo, sempre que seja possível, depois do substantivo a que se refere e não antes do mesmo.

3- Os GRAUS do adjectivo, nomeadamente os COMPARATIVOS e os SUPERLATIVOS.

- A- O COMPARATIVO.

+ de IGUALDADE: pode-se fazer em várias maneiras

- a) usando a expressão verbal JUSTA KU = ser igual a

- b) usando a conjunção SUMA = como. Ex.

PEDRU JUSTA KU PAULO (BEJU) / PEDRU I BEJU SUMA PAULO = Pedro é velho como Paulo

+ de SUPERIORIDADE: usa-se MAS = ser maior de

PEDRU MAS AMI BEJU = Pedro é mais velho do que eu

PDERU MAS AMI KONTA MINDIDA = Pedro é mais mentiroso do que eu (maior do que eu [quanto a] contar mentiras)

Onde se vê que a comparação atinge directamente o sujeito em vez que a qualidade, como em vez acontece nas línguas "cultas". A qualidade vem logo a seguir, quase como um "acusativo à grega".

No segundo exemplo porém vê-se que usamos o que mais ou menos corresponde ao nosso infinito verbal com relativo complemento objecto (ou directo): o que nos autorizaria a falar num "infinitivo à africana". É o que acontece de maneira mais clara ainda em Felup.

Resta notar que às vezes, no Criolo "culto", ouve-se também a forma aportuguesada com o "MAS DI KE" que vem do "mais do que" que em Criolo é uma autêntica cacofonia (e já acontece ouvir também na boca de Felupes "inurbados"...)

+ de INFERIORIDADE: praticamente não existe. Porta-se exactamente como em Felup e faz-se de duas maneiras:

- a) negando a qualidade em que se fala. Ex.

O teu filho é menos bom do que o meu = BU FIJU KA BALI SUMA DI MI

- b) Reduzindo-o ao comparativo de superioridade virando ao contrário a qualidade em que se fala. Ex.

Pedro é menos preto do que o Paulo = PEDRU (I) MAS PAULO BURMEJU

Cá na Guiné quem não for mesmo preto diz-se que é "vermelho", pelo que fica explicado o exemplo: Pedro é mais vermelho do que o Paulo.

#### - B- O SUPERLATIVO

a) Faz-se com a repetição do adjectivo no grau positivo Ex.

N PAÑA PIS PIKININU PIKININU = apanhei pouquíssimo peixe

b) Pode-se fazer com o grau positivo do adjectivo a que se faz seguir o advérbio DIMÁS (= demais) ou uma locução reforçativa própria para cada qualidade:

GARANDI DIMÁS = grandíssimo

KUMPRIDU DIMÁS = compridíssimo

BRANKU FANDÁN = branquinho, branquíssimo

PRETU NÓK = preto mesmo, pretíssimo

SEKU KAN = seco mesmo, sequíssimo

SUKURU BIP = escuro mesmo, escuríssimo

KABA FEP (FEPH) = acabadíssimo, acabado por completo

etc.

c) Pode-se fazer com o grau positivo do adjectivo a que segue a locução comparativa SUMA KE (= como [não sei] que). Ex.

GARANDI SUMA KE = grande como (não sei) que; grandíssimo

RIKU SUMA KE = rco como (não sei) que; riquíssimo

d) Pode-se também fazer pelo tom da voz e pelo comprimento das vogais. Ex.

N PAÑA PIS PIKIINIINU = apanhei pouquíssimo peixe

onde a última I foi pronunciada bem comprida e em tom mais elevado do resto da palavra

KIL ALGIN I GARAAANDI = aquele homem é velhíssimo

onde "garandi" significa "velho" mais do que "grande" referido ao tamanho.

e) Há enfim o SUPERLATIVO RELATIVO que se reduz, quase normalmente, ao comparativo de superioridade, com menção do segundo membro. Ex.

O maior é João Baptista = KI' KI MAS ELIS TUDU I JOÑ BATISTA

NB. Deveríamos agora falar nos restantes adjectivos, possessivos etc. Prefiro porém interromper aqui e falar nos pronomes pessoais que tão directamente entram na formação dos possessivos: coisa que resulta ainda mais clara na língua nativa a que me refiro, o Felup.

#### ARTIGO 4º OS PRONOMES PESSOAIS

Um esquema que encontrei em apontamentos de gramática Jòla é de falar em pronomes pessoais de 1ª 2ª e 3ª forma, sendo

- a 1ª forma a que faz funções de sujeito (em Felupe chamei de forma absoluta ou substantiva)
- a 2ª forma a que faz funções de objecto ou complemento e por sua vez tem duas expressões
  - uma que se acompanha às preposições
  - outra enclítica, quer dizer que se aplica directamente no fim do verbo
- a 3ª forma a que entra na conjugação do verbo, mesmo pegada na parte dianteira da forma verbal e nos diz em que pessoa o verbo é conjugado (o que noutras línguas é feito através da terminação do próprio verbo).

Pessoa	1ª forma	2ª forma prep.	2ª forma encl.	3ª forma
Português	Criolo	Criolo	Criolo	Criolo
1ª sing. EU	AMI	MI	-N	N
2ª sing. TU	ABÓ	BO	-U	BU (U)
3ª sing. ELE	EL	EL	-L	I
1ª plur. NÓS	ANÓS	NOS	-NU	NO
2ª plur. VÓS	ABÓS	BOS	-BOS	BO
3ª plur. ELES	ELIS	ELIS	-ELIS	E

Resta acrescentar que há uma forma de pronome pessoal REVERENCIAL: falando com um OME GARANDI ou com uma MINJER GARANDI por anciandade ou por posição social, não tratarei por ABÓ, BU, mas usarei a forma ÑU (de SIÑOR, ÑOR...) que é igual para as três formas de pronome.

Exemplos:

AMI N MISTI PUNTAU ; ABÓ BU NA TORNAN; BU NA PAPIA KU MI  
 Eu quero perguntar-te; tu tu (vais) responder-me; tu falas comigo

AMI = EU pronome pessoal 1ª forma 1ª pessoa singular

N = EU pronome pessoal 3ª forma 1ª pessoa singular: corresponde à O de quero

MISTI = querer, verbo

PUNTAU= PUNTA+U = PUNTA = verbo, perguntar

U = TE pronome pessoal 2ª forma enclítica, 2ª pessoa singular

ABÓ = TU pronome pessoal 1ª forma, 2ª pessoa singular

BU = TU pronome pessoal 3ª forma 2ª pessoa singular corresponde à S de vais

NA = prefixo verbal de conjugação: presente ou futuro imediato pontual (ver mais adiante)

TORNAN= TORNA+N = TORNA verbo, responder

N = ME pronome pessoal 2ª forma enclítica 1ª pessoa singular

BU = TU pronome pessoal 3ª forma 2ª pessoa singular corresponde à S de falas

NA = prefixo verbal de conjugação: presente ou futuro imediato pontual (ver mais adiante)

PAPIA = verbo, falar

KU = COM = preposição;

MI = KU MI = comigo= pronome pessoal 2ª forma com prep., 1ª pessoa singulas.



BO KONTANU KLARU NOS BO MISTI KUME KU NOS.

Dizei-nos claramente se quereis comer connosco

BO = Vós = pronome pessoal 3ª forma 2ª pessoa plural; usado no imperativo

KONTANU= KONTA+NU= KONTA= verbo, contar, dizer, esclarecer

NU = nos = pronome pessoal 2ª forma enclítica 1ª pessoa plural

NOS = conjunção dubitativo/disjuntiva SE

BO = Vós = pronome pessoal 3ª forms 2ª pessoa plural; corresponde a EIS de **quereis**

MISTI = querer, verbo;

KUME = comer, verbo

KU = COM = preposição

NOS = KU+NOS= Connosco; NOS pronome pessoal 2ª forma com prep, 1ª pessoa plural.

NB. cultural: É interessante notar que em Felup o comigo e o connosco do Português se dizem de forma diferente do que no Criolo; este usa o pronome pessoal "objecto", ao passo que o Felup usa a 1ª forma, a do sujeito: tu falas comigo, vós comeis connosco em Felup dir-se-iam "tu falas com eu" e "vós comeis com nós", onde o "EU" e o "NÓS" são sujeitos tanto quanto o Tu e o VÓS. Os dois sujeitos entram em contacto mantendo toda a sua personalidade i autonomia: só se acompanham, mas não há subordinação nenhuma, nem gramatical sequer!...

#### ARTIGO 5º OS POSSESSIVOS

Geralmente estão ligados aos pronomes pessoais com que são formados. Podemos distinguir entre adjectivos e pronomes.

Pessoas	Adjectivos	Pronomes
1ª sing. MEU - MINHA	NHA	DI MI
2ª sing TEU - TUA	BU	DI BO
3ª sing SEU - SUA	SI	DI EL
1ª plur. NOSSO-NOSSA	NO	DI NOS
2ª plur VOSSO-VOSSA	BO	DI BOS
3ª plur. SEU - SUA	SÊ	DI SÊL

NB. O pronome possessivo ser formado com preposição mais o pronome pessoal 2ª forma corresponde à maneira de ser do pronome possessivo em Felup, construído com a preposição -ATA mais o pronome pessoal 2ª forma; faz excepção a primeira pessoa singular que tem forma própria.

Deveria agora tratar de toda a série de adjectivos e pronomes: demonstrativos, indefinidos, relativos, etc., mas isto tornaria estes apontamentos pesados demais: aliás não tenho pretensão nenhuma de ser completo, por duas razões:

- a primeira é que estas notas são de introdução e não são uma gramática

- a segunda é que uma língua não se ensina, se aprende por iniciativa pessoal, pesquisando, ajudando-se, se fôr necessário, com análise e com um dicionário, que agora existe.

Passo no entanto a falar nos verbos: é este um assunto em que as línguas étnicas têm muita coisa a dizer e muitas sugestões a dar.

#### ARTIGO 6º OS VERBOS

A) Os verbos, nas línguas nativas africanas, são para nós um autêntico quebracabeça. O Criolo dá a ilusão de ser muito mais simples quanto à construção das formas verbais e até quanto à conjugação.

Mais simples é que pode ser, mas seria preciso encontrar a forma de não fragmentar o estudo, de não ficar com aquela impressão de confusão, de falta de unidade, de "ao calhar" que me acompanhou por exemplo a mim quando estudei estes verbos pela primeira vez.

Lembro-me que ia à procura de situações verbais parecidas noutras línguas; até, nos meus apontamentos de então escrevi, a respeito do futuro feito com "NA BIN": "ver o futuro inglês feito com SHALL ou WILL"....

Vou ver aqui se consigo percorrer as mesmas etapas pelas quais passei no estudo e na exposição dos verbos felup, não por eu pretender que os verbos sejam iguais nas duas línguas, deus me livre, mas sim como simples hipótese de trabalho: ver o que, das categorias desta língua nativa, pode ter passado para o verbo Criol, ou pelo menos o pode ter influenciado.

Vou expor aqui a ordem de ideias em que me coloquei aquando da pesquisa em Felup.

Nunca se deve procurar a toda a custa formas verbais correspondentes às das conjugações das línguas europeias: o que se deve fazer é deixar-se conduzir por eles como se faz quando se está no mato e não se conhecem caminhos, que eles conhecem perfeitamente. Desta forma cheguei a três princípios:

1. A maneira de ver os factos e a história não é a mesma entre os vários povos e áreas culturais. Diferente é a avaliação quanto a passado, presente e futuro. Há quem tem uma visão mais histórica dos acontecimentos, em que o próprio acontecimento passa a ter quase existência própria e é observado, analisado, reconstruído em suas ligações com outros acontecimentos pelo observador que fica como fora dele, desligado, completamente autónomo.

No caso do Felup não acontece o mesmo. Ele não vê a acção como algo que tem vida autónoma, mas sim como algo que, enquanto é contado, adquire vida através de quem conta, do historiador, é quase uma projecção do homem que sempre fica nela envolvido e com ela comprometido: ele é o ponto de partida, ele o ponto a que nos devemos referir. O "ontem" e o "depois", o "aqui" e o "acolá" vêm assim a ter aspectos diferentes da nossa maneira de os considerarmos.

2. Não dá nada apresentar uma forma verbal duma língua p.ex. europeia e perguntar a forma correspondente em Criol ou em Felup; o que se deve apresentar é factos, histórias, situações, acontecimentos; reproduzir a realidade, analisar contos populares: e sempre ligar pelo menos dois verbos entre eles, em duas orações ligadas (isto é importantíssimo), porque é só desta forma que as respostas podem ser dadas sabendo qual o sentido verdadeiro da pergunta. Foi só desta forma que consegui descobrir como as diferentes formas verbais são ligadas e até se modificam consoante o tipo de ligação existente entre elas. (Em latim falava-se por exemplo da *consecutio temporum*.)

3. Deve-se observar bem como as várias partes do verbo se portam, sem lhes fazer violência para as reduzir ao que já conhecemos. Quanto ao Felup assisti a fenómenos curiosíssimos na maneira de os verbos se portarem, de se compor e decompor com facilidade.

NB. Uma última observação, válida de maneira particular para as línguas étnicas: é sempre bem procurar, tanto quanto possível, reduzir cada uma das palavras à sua raiz, tirando todas as partes sujeitas a modificações, para isolarmos assim o eventual RADICAL, nomeadamente nos verbos: abandonemos a ideia do "infinitivo" como ponto de partida.

B) As "VOZES" do verbo

Costuma-se dividir os verbos em TRANSITIVOS (cuja acção PASSA do sujeito ao complemento), e INTRANSITIVOS (quando a acção fica no próprio sujeito), os primeiros dos quais podem por sua vez serem ACTIVOS e PASSIVOS.

Também esta classificação tive que a deixar por trás para fazer uma pesquisa radical em Felup, que me valeu em parte também para compreender melhor o Criol.

Em Felup encontrei uma primeira série de INFIXOS verbais que me davam 5 vozes do verbo, nem mais nem menos: média, causativa, passiva, recíproca e reflexiva.

Em Criolo não há toda esta especificação, mas alguma coisa ficou, nomeadamente em três casos. Vejamos as seguintes frases:

SAKU **INCI** ARUS = o saco está cheio de arroz

KIN KI **INCISIL**? = quem (é) que o encheu (encheu ele)?

N KA SIBI. OCA N CIGA SAKU **INCIBA** JÁ = Não sei. Quando cheguei o saco já estava cheio.

Podia ser:

OCA N CIGA SAKU **INCISIDUBA** JÁ = quando cheguei o saco já tinha sido enchido.

Vamos agora escrever as quatro formas verbais todas juntas para depois fazermos análise.

INCI = estar cheio

INCISI = INCI+SI = encher (fazer estar cheio)

INCISIDUBA = INCI+SI+DU+BA = tinha sido enchido (tinha sido feito estar cheio)

INCIBA = INCI+BA = estava cheio

Vamos já eliminar a última forma verbal, porque não entra na formação do verbo (é repetição da primeira) mas sim na do TEMPO, já diz respeito à conjugação, que iremos ver mais adiante. Vamos agora passar em revista as primeiras três formas verbais.

Como observação preliminar vamos dizer que, ficando o "radical" INCI constante, fomos acrescentando umas coisas por cada exemplo: é mesmo no que acrescentámos que vamos reparar.

INCI = estar cheio. É o que em Felup chamamos de voz MÉDIA que, em certos casos, corresponde ao intransitivo, mas nem sempre. A acção fica no âmbito do sujeito.

INCISI = INCI+SI = encher. Acrescentámos simplesmente o infixo SI e tivemos a voz "ACTIVA", com nós diríamos, e chamaríamos esta forma verbal de "transitiva".

Baseado no que acontece na língua Felup eu não a chamo de transitiva, mas sim de "CAUSATIVA" e digo "fazer estar cheio", causar seu enchimento. Parece uma distinção puramente académica, mas não é e vamos ver porquê. Vejam-se os dois exemplos seguintes.

YENTRA = entrar. É um verbo que chamaríamos de intransitivo, um dos clássicos intransitivos: a acção permanece no sujeito. Se acrescento o infixo ND, que corresponde ao SI de INCISI, tenho:

YENTRANDA (A é eufónica) = fazer entrar. Onde se vê que um verbo, que para nós é dos clássicos intransitivos, se tornou... transitivo? Não, CAUSATIVO: fazer entrar, fazer com que algo entre.... Outro exemplo:

FIRMA = estar de pé, é também intransitivo. Acrescento o infixo NT e tenho

FIRMANTA = fazer estar de pé. Note-se que não digo "levantar em pé", mas sim fazer com que algo esteja em pé. Este infixo NT é igual a ND e tem a mesma função de SI.

Os três verbos INCI, YENTRA e FIRMA se portaram da mesma forma: acrescentando o infixo causativo o verbo mudou de significado; a acção indicada pelo verbo vai um bocado mais para frente, ultrapassa a significação originária.

INCISIDUBA = tinha sido enchido. Antes de analisar a palavra vamos já tirar o BA que, como já dissemos, é sufixo de conjugação e temos INCISIDU. Já podemos reconhecer que esta forma verbal foi construída com INCI+SI como a que acabamos de analisar. Além do SI foi porém acrescentado também o DU. Vamos agora observar cada uma destas partes da palavra.

INCI é o tal RADICAL, o que encontrámos no primeiro exemplo e chamámos de intransitivo ou médio: a acção, ou o estado de ser cheio fica dentro do sujeito, o saco.

INCI+SI = INCISI e já passamos à forma CAUSATIVA de há bocado

INCI+SI+DU = INCISIDU e temos a voz PASSIVA cujo infixo DU foi acrescentado só depois do SI da causativa, repare-se bem. Porque é que não disse INCIDU, mas colocou lá no meio o SI da causativa?

A pesquisa feita em Felup, que tem a mesma maneira de proceder, levou-me a esta conclusão: o facto de o saco ter chegado a "estar cheio" (significado de INCI) aconteceu porque alguém, que é estranho ao sujeito saco, entrou no mundo dele, exerceu alguma acção sobre ele, fez com que se tornasse cheio de vazio que era: eis então o infixo causativo, que dá a entender mesmo que a acção em que estamos a falar já não está limitada dentro do universo do sujeito saco. Só a este ponto é que vem o infixo (ou sufixo) DU, que podemos chamar INFIXO DA VOZ PASSIVA.

Eis agora um paralelo com a língua Felup, que dá a ideia clara da correspondência que há na maneira de se portar dos verbos, limitadamente aos três infixos em que falámos:

SAKU	INCI	= o saco está cheio	HUMBOT AHU	HUMEÑE
	INCISI	SAKU = enche o saco		HUMEÑEN HUMBOT AHU
SAKU	INCISIDU	= o saco foi enchido	HUMBOT AHU	HUMEÑENI

INCI	MEÑe (esta E não interessa)	= temos o radical limpo
INCI+SIMEÑ+EN		= radical mais causativo Cr. SI Fel. EN
INCI+SI+DU	MEÑ+EN+I	= Radical + causativo+ passivo Cr. DU Fel. I

Naturalmente há verbos que não precisam do infixo da voz causativa para fazerem, a seguir, a voz passiva: são os que são "activos" por si próprios. Ex.

LABA = LAVAR faz ao passivo LABADU = LABA+DU sem colocar nada no meio.

MATA = matar também faz directamente MATADU

KUME = comer também faz directamente KUMEDU e podemos continuar com todos os verbos evidentemente "activos".

Como calhou que falássemos por tanto tempo na voz passiva, não irei voltar mais ao assunto. Só faltaria acrescentar que o uso da voz passiva nem sempre corresponde ao das línguas europeias.

Uma única observação visa o AGENTE DA PASSIVA. Em Felup não existe e em Criolo nunca existiu. Calha ouvi-lo agora com mais frequência, mas exclusivamente no tal Criolo "culto" cada vez mais assimilado ao Português (mal falado).

Normalmente vira-se a frase ao activo. Ex.

Fui batido pelomeu pai = impossível dizer o mesmo em Felup, nem em Criolo, em princípio. Vira-se a frase em "Meu pai bateu-me = ÑA PAPE SUTAN = AMPOM ANÂGUL-OM-MI.

Resta dizer ainda que, se em Felup há também infixos e sufixos para as vozes recíproca e reflexiva, com mecanismos até interessantíssimos, o mesmo não acontece com o Criolo, que recorre a outras expressões. Ex.

Recíproco:	Mataram-se uns aos outros	= E MATA ÑUTRU	KUBUJOR	BUJ+OR
Reflexivo:	Matou-se a si mesmo	= I MATA SI	KABESA NABUJORO	BUJ+OR+O

### C) A CONJUGAÇÃO DO VERBO

Em Felup, depois de ter individuado uma segunda série de infixos e sufixos que modificam ulteriormente o sentido do radical, encontrei enfim o que se refere mais propriamente à conjugação, quer dizer ao modificar-se do verbo consoante os modos e os tempos.

Em Criolo tal segunda série de infixos e sufixos não encontrei e isso é já uma simplificação.

O que em vez, em princípio, também se parece com o Felup é o seguinte: a maneira diferente de organizar a conjugação: não vamos procurar MODOS e TEMPOS correspondentes aos das línguas europeias: ser-nos-ia difícil chegar a resultados positivos.

Como é então que podemos estabelecer uma certa ordem, certos princípios segundo os quais organizar tanto quanto possível a conjugação dos verbos?

Depois de inúmeros exemplos examinados em Felup, cheguei a umas conclusões que só em parte podem ser aplicadas ao Criolo. Uma destas conclusões é a seguinte:

há uma referência constante à indicação da continuidade ou não continuidade duma acção.

Ex. Se eu digo: "Eu vou dar catequese na tal tabanca" posso supor que este "vou" indique que eu vou habitualmente, uma ou mais vezes por semana. Porém na forma verbal que emprego em Português não há indicação nenhuma que me autorize a interpretar tal "ir" como uma coisa que continua, que é habitual, em vez de ser o "ir" só uma vez.

Em Felup, e também em Criolo, não é assim: tenho uma forma para dizer que eu vou uma vez e tenho outra forma para dizer que vou habitualmente, continuamente.

No primeiro caso, o da acção "pontual", feita uma só vez, usarei o prefixo de conjugação NA; no segundo caso, o da acção "linear", contínua ou habitual, usarei o prefixo de conjugação TA

Ponho já aqui dois exemplos em que se vê a diferença:

- 1) AMI N NA BAI BISSAU = eu vou a Bissau; vou uma vez, acção pontual

- 2) AMI N TA BAI BISSAU = eu vou a Bissau, vou habitualmente, tempo linear.

NB. O que se ouve é AMI N NA BA' BISSAU; AMI N TA BA' BISSAU pois a I de BAI cai quase normalmente.

Outro exemplo pode ser o seguinte:

-3) AMI N BA' BISSAU = eu fui a Bissau Com este último exemplo já passamos a outra forma, sem NA nem TA. O que é que aconteceu?

Aconteceu que encontramos a forma mais simples, a forma típica, que porém já diz respeito a uma acção completa, fui e voltei e só estou a referir-me a uma acção "pontual" feita uma vez e mais nada. Pelo que me diz a forma verbal em questão, não interessa saber se tal acção foi repetida ou se está a ser repetida. Estou a referir-me como que a uma acção histórica, no sentido de ser algo que já se pode por entre as memórias, arrecadar.

Gramaticalmente poder-se-ia chamar de FORMA ABSOLUTA: quer dizer que não está ligada com nada, não lhe foi acrescentado nada: entre o sujeito e a voz verbal não há nada, a não ser o pronome pessoal 3ª forma que entra na construção da própria voz verbal. Na grafia do exemplo deixamos um espaço branco, vazio: não há mesmo nada. Corresponderia, se quisermos, ao nosso PERFEITO.

NB. Se quiser reforçar a ideia de que fui a Bissau e acabou, a acção está relegada mesmo no passado, posso acrescentar o sufixo de conjugação BA em que falaremos mais adiante e terei AMI N BAIBA BISSAU = eu fui a Bissau e voltei.

Note-se também que em Criolo não digo "a Bissau", mas sim "Bissau" directamente, sem usar a preposição "a", mesmo como acontece em Felup, língua étnica.

Para outras especificações como é que irei proceder? Aqui já entramos na "construção" da forma verbal, na própria conjugação, e vamos apontar umas constantes.

1. Como vimos no terceiro exemplo a forma típica, a mais simples é a que se constrói da seguinte maneira: Sujeito + Pronome pessoal 3ª forma + radical verbal.

Tudo o que vem antes do radical verbal iremos chamá-lo de PREFIXO VERBAL

Tudo o que vem depois do radical verbal iremos chamá-lo de SUFIXO VERBAL

NB. O pronome pessoal terceira forma da terceira pessoa singular, que é I, só se usaria quando o sujeito não fica imediatamente perto do verbo, mas encontra-se dele separado por qualquer outra parte do discurso.

Esta pelo menos devia ser a regra geral. Como já dissemos porém acontece que o seu uso vai aumentando. Ex.

PEDRU BA' BISSAU; PEDRU, IRMON DI ANDRÉ, (I) BA' BISSAU.

2. O que chamamos de RADICAL VERBAL é sempre invariável. A flexão conforme as pessoas-sujeito é dada pelo pronome pessoal terceira forma que precede o radical. A única modificação que o próprio radical sofre é dada pelo acréscimo dos infixos indicantes a Voz (Média, causativa, passiva), como já dissemos. Além disso há mais um sufixo verbal que se acrescenta ao radical ou ao infixo da Voz: é o tal BA que já encontramos em INCIBA e INCISIDUBA da pág. 11.

3. Quais são os PREFIXOS VERBAIS ao nosso dispor para construirmos as várias formas?

Vou dar já uma lista dos que eu conheço para passarmos logo depois a fazer exemplos.

NA = tempo actual ou pontual. Presente e futuro imediato N NA BA' BISSAU= Vou a Bissau  
 TA = tempo habitual ou linear Presente, passado, futuro. Também usado como enfático.  
 BIN a) BIN + forma absoluta ou histórica= perfeito, com valor de algo que aconteceu quase acidentalmente. PAULO BIN KAI NA FONTE = Paulo caiu no poço  
 b) NA+BIN = leva a acção para o FUTURO. N NA BIN BA'BISSAU = eu irei a Bissau  
 c) BIN BIN precedido pela conjunção SI = Hipotético: S'U BIN BIN BAI: se fores...  
 KA = pref. verbal NEGATIVO. Aplica-se a toda e qualquer forma, quer com NA quer com TA, imediatamente depois do pron. pessoal 3º forma. N KA NA BA'BISSAU= Não vou a Bissau.  
 BA' = sempre na locução BA'TA= introduz um futuro habitual incoativo ou iterativo (algo que começa e vai continuar ou vai ser repetido habitualmente). BA'TA KATA YAGU DI PARMAÑÁ: irás tirar a água de manhã. Em prática corresponderia a : "passas a " fazer a acção indicada pelo verbo.

4. Quais os SUFIXOS VERBAIS de conjugação?

Atenção: não estamos a falar nos INFIXOS que dão a VOZ do verbo: SI, NT, ND para o causativo , DU para o passivo, mas sim dos que, além dos já apontados, podem ser aplicados depois do radical verbal para dar a modificação relativa aos tempos.

Por quanto sejam numerosos em Felup, em Criolo parece que exista só um, o BA

BA = Sufixo verbal que reduz tudo ao passado  
 a) Na realidade, coloca no passado qualquer acção, quer indicada por uma forma pontual ou actual quer a indicada por uma forma linear ou continuada.  
 b) Na hipótese (a introduzida pelo SI=SE, "Se assim fosse...") também diz que a condição não se realizará, é uma "esperança perdida"; corresponde ao Felup ËN.

5. Dito isto, já temos nas mãos a ferramenta necessária para construirmos as nossas formas verbais. O que nos falta ainda é sabermos a ORDEM em que devemos dispor as várias peças. Isto também vem com o hábito, mas já podemos apontar umas constantes.

O esquema é o seguinte

Sujeito	Pron,Pess.3ªforma	pref. verbal +	RADICAL	Infixo Voz	Sufixo conjug.
---------	-------------------	----------------	---------	------------	----------------

Exemplos vão aqui a seguir. Só depois vem a análise.

a) AMI N BA' BISSAU: AMI N BA' BISSAU = Eu fui a Bissau  
 b) AMI N NA BA' BISSAU: AMI N NA BA' BISSAU = Eu vou a Bissau  
 c) AMI N TA BA' BISSAU: AMI N TA BA' BISSAU =Eu costumo ir a Bissau  
 d) AMI N NA BIN BA' BISSAU: AMI N NA BIN BA' BISSAU= Eu irei a Bissau  
 e) AMI N NA BA'TA BA' BISSAU: AMI N NA BA'TA BA' BISSAU= Eu passo a ir a Bissau

- f) AMI N                            BAI BA    BISSAU    AMI N BAIBA BISSAU = Eu fui a B. uma vez (já voltei).
- g) AMI N            TA            BAI BA    BISSAU    AMI N TA BAIBA BISSAU= Eu costumava ir a Bissau
- h) AMI N                            BIN BA' BISSAU    AMI N BIN BA' BISSAU= calhou que eu fosse a B.

Introduzindo logo depois do pronome pessoal 3º forma o prefixo verbal KA que indica negação, teria as mesmas formas ao negativo:

- a') AMI N KA                            BA' BISSAU    AMI N KA BA' BISSAU= eu não fui a Bissau
- b') AMI N KA NA                            BA' BISSAU    AMI N KA NA BA' BISSAU= eu não vou a Bissau
- c') AMI N KA TA                            BA' BISSAU    AMI N KA TA BA' BISSAU= eu não vou habit. a B.
- d) AMI N KA NA BIN BA' BISSAU    AMI N KA NA BIN BA' BISSAU= eu não irei a B.
- E assim por diante

Podemos passar agora a analisar as formas verbais apontadas procurando dar o significado e as explicações relativas

- a) AMI N BA' BISSAU = Eu fui a Bissau. Note-se antes de mais o verbo BAI que perde a l; logo a seguir a preposição "a" que desaparece, em todos os exemplos. É a forma mais simples. Dá ideia do perfeito actual ou pontual: há porém algo da acção indicada que continua como consequência no presente.
- b) AMI N NA BA' BISSAU= Eu vou a Bissau. E' também uma acção pontual, feita de uma só vez. Tem o significado de presente e futuro imediato, para obter o qual só foi suficiente inserir, no lugar devido, o prefixo verbal NA.
- c) AMI N TA BA' BISSAU= Eu vou habitualmente a Bissau. Desta vez em lugar do NA inserimos o TA, característico do tempo habitual ou linear. Aqui dá o significado de presente continuado: eu vou habitualmente, costumeo ir....
- d) AMI N NA BIN BA' BISSAU= Eu irei a Bissau. Primeiro inserimos o prefixo verbal NA e temos a característica do tempo pontual. A seguir inserimos o prefixo verbal BIN que leva para o futuro a acção pontual indicada pelo NA e dá um futuro pontual: eu irei a Bissau, mas não será um hábito.
- e) AMI N NA BA'TA BA' BISSAU = eu irei habitualmente a Bissau, eu passo a ir a Bissau. Vê-se mesmo que o tal prefixo verbal BA é o verbo BAI que se tornou auxiliar. Dá um futuro incoativo e continuado: eu começo a fazer algo que continuarei a fazer.
- f) AMI N BAIBA BISSAU = à forma do exemplo a) acrescentei simplesmente o sufixo verbal de conjugação BA que, como dissemos, relega tudo ao passado e temos algo que se parece com o mais que perfeito, sempre porém pontual: eu fui uma vez a Bissau (e depois a coisa não teve seguimento, aconteceu mais alguma outra coisa, por exemplo já voltei).
- g) AMI N TA BAIBA BISSAU = eu ia a Bissau habitualmente, costumava ir a Bissau. É a mesma forma do f), só acrescentamos o prefixo verbal TA: a acção fica no passado, por causa do BA, como a precedente, já está acabada; devido porém ao TA adquire a característica de ser uma acção que no passado continuou, uma acção que chamamos linear, habitual. Eu costumava ir a Bissau, agora já não vou mais.
- h) AMI N BIN BA' BISSAU = atenção à diferença com a forma d): lá entre o pronome pessoal terceira forma N e o prefixo verbal BIN tínhamos o prefixo verbal NA que, como

dissemos, diz respeito a acção presente ou futuro imediato sempre pontual (às vezes até num contexto que para nós seria de "passado"). Aqui, nesta forma h), o prefixo verbal NA desapareceu e então temos só BIN que, como dissemos, indica um perfeito "acidental" ou repentino: calhou que eu fosse a Bissau....

Os exemplos podiam continuar, até com orações condicionais ou hipotéticas, etc. Para dar uma certa ordem e organização aos exemplos que trouxemos, parece-me legitimo distinguir dois grupos de formas verbais, sem falar em MODOS e TEMPOS que, como vimos na pág 13,C, não corresponderiam aos nossos:

- 1) FORMA ABSOLUTA, ou HISTÓRICA: seria a forma sem o prefixo verbal NA, (que se poderia até chamar TEMA DO PERFEITO)
- 2) FORMA NARRATIVA (ou ACTUAL ou CONSEQUENTE): seria a forma com o prefixo verbal NA, que sustenta uma narração, diz o que acontece.

É uma indicação ainda provisória. Tem a vantagem de corresponder àquilo a que cheguei com a pesquisa sobre os verbos Felup: o que nos introduziria no substrato cultural da língua Criola. Continuando a referência à língua Felup, tive ocasião de analisar um grande número de frases e períodos e consegui isolar três formas fundamentais (as duas acima apontadas mais uma forma que chamei de "RELATIVA". Em Criolo não me consta desta última; porém não fiz análise mais aprofundada.

Mais uma observação quanto ao uso dos tempos. Dissemos que o aparato de prefixos verbais NA+BIN dá a forma futura. Podemos dizer que desloca tudo para o futuro, coloca aquilo que vou dizer "em chave" de futuro, até que poderei passar a falar usando o "presente". Ex.  
Port. Irás a Bissau; quando **encontrarás** o Pedro **lhe darás esta** carta.  
Criolo: BU NA BIN BA' BISSAU; ORA KU **BU OJA** PEDRU **BU NA DAL** ES KARTA

Uma última observação: nem sempre a distinção entre forma verbal e outras formas é clara como noutras línguas. Por exemplo, o que chamamos de sufixo verbal de conjugação, o BA, pode-se aplicar não só aos verbos, mas também a outras partes do discurso. Ex.  
SI AMI(N)BA, N KA NA FASSIBA DES MANERA = Se fosse eu, não teria feito desta forma.

1º O sufixo verbal de conjugação BA em que falámos na pág 14,4 e na alinha b) chamámos de "sufixo das esperanças perdidas", foi aplicado neste exemplo ao pronome pessoal AMI (ouve-se uma ligeira N na pronúncia) e não a um verbo. Nada de estranho: acontece o mesmo em Felup.

2º O termos apêlicado dito sufixo verbal ao pronome causou o desaparecimento do verbo auxiliar SER. O que nos leva a fazer a observação seguinte: o uso dos auxiliares não corresponde ao das línguas europeias (já tivemos o caso do BA'TA) pelo que deve-se ter cuidado em aprender seu uso.

Última observação: se perguntarmos: "Não foste tu quem quebrou este copo?", o nosso interlocutor pode responder "Sim". O que quer dizer? Foi ele ou não foi ele?

Na nossa maneira de pensar diríamos que foi ele, estando nós acostumados a fazer referência à acção em que falamos como a algo que tem vida própria (pag. 10, Artigo 6ª,A,1). Na maneira de pensar daqui quer dizer o contrário, que não foi ele, porque a resposta diz ser correspondente à verdade o que nós perguntamos, o conteúdo da nossa pergunta a saber "não foste tu quem quebrou este copo".

Querira dar uma pequena ideia das diferentes maneiras de pensar, de encarar a realidade, de entreligar acções e sua expressão através da língua, de falar e então de organizar os "factos"



linguísticos, as expressões e sua análise em definitiva a "ferramenta" que o homem tem a sua disposição para comunicar e expressar o que pensa. Tentei fazê-lo a partir da experiência adquirida no estudo duma língua étnica, uma das línguas que estão "do outro lado" da língua crioula. O que queria é ajudar uma pesquisa pessoal.

Uma última coisa: a língua é uma porta. Quando a possuímos bem, então poderemos dizer que estamos num bom começo: é a altura de tentar compreender a mentalidade e o universo cultural que está por trás.... e abre-se a comunicação.

Suzana 29 de Junho de 1980 / 14.02.2005.